

O Matador de Dragões¹

Rainer Maria Rilke

traduzido por Filipe Kegles Kepler

Era uma terra bela e fecunda, com florestas, campos, rios, ruas e cidades. Um rei fora empossado por Deus: um ancião, mais velho e ativo do que todos os reis dos quais já se tenha ouvido algo crível. A única filha desse rei era uma moça de grande juventude, anelo e beleza. O rei era aparentado com todos os tronos da redondeza, porém sua filha era ainda uma criança, e sozinha, como se não tivesse família alguma. Seguramente, eram sua brandura e benevolência e o poder de seu rosto sereno a causa inocente da existência daquele dragão – o qual, quanto mais ela crescia e desabrochava, mais se avizinhava, até que por fim sentou-se, como o próprio Terror, na floresta defronte a mais bela cidade do país. Pois existem misteriosas relações entre o Belo e o Terrível; em um determinado ponto, ambos se completam, como a vida ridente e a morte diária e próxima.

Não se diz com isso que o dragão fosse hostil à jovem senhora, assim como ninguém pode dizer, sem sombra de dúvida, se a morte é adversária da vida. Quiçá o grande e fervente animal se deitasse como um cão ao lado da bela moça e, quiçá, apenas a monstruosidade da própria língua o impedisse de acariciar, em humildade animal, as lindíssimas mãos. Contudo, naturalmente não se haveria de pô-lo à prova, uma vez que o dragão era impiedoso contra todos que porventura entrassem no círculo de sua força e, comparável a uma morte visível, tudo agaturrava e retinha, inclusive rebanhos e crianças.

A princípio, o rei há de ter percebido com grande satisfação que essa adversidade e esse perigo transformavam muitos jovens de sua terra em homens. Estes jovens, de todas as castas – nobres, seminaristas e criados –, partiam como para uma terra estranha, distante, possuíam o heroísmo de uma única ardorosa e febricitante hora, na qual encontravam vida e morte, e esperança, e medo, e tudo o mais – como num sonho. Após algumas semanas, já ninguém mais se lembrava de contar esses filhos destemidos e de registrar seus nomes em algum lugar. Pois, em dias de aflição como estes, o povo habitua-se também a heróis: eles já não são mais algo extraordinário. A emoção, o medo, a fome de milhares clama por eles – e eles estão lá, como uma necessidade, como pão, procedentes daquelas últimas leis que, mesmo nos tempos de calamidade, não deixam de vigorar.

Todavia, como o número daqueles que se sacrificavam após uma resistência desesperançada continuasse a crescer, como quase em toda família do país o melhor filho (e, muitas vezes, ainda na flor da juventude) caíra em combate, o rei começou então a temer, e com razão, que todos os primogênitos de sua terra viessem a morrer e que muitas donzelas tivessem de tomar sobre si uma viuvez virginal pelos longos anos de uma vida sem filhos. Ele, então, negou a seus subalternos a luta. Porém, a comerciantes estrangeiros que, tomados por um horror inominado, fugiam da terra flagelada entregava ele uma mensagem que reis em situação semelhante propalavam

Aluno do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS. UFRGS, Instituto de Letras, Setor de Alemão. Avenida Bento Gonçalves, 9500, Cep: 91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil. Tel: 55 51 3308-6696; Fax: 55 51 3308 7303. E-mail: filipe.kepler@gmail.com

desde tempos antigos: aquele que conseguisse libertar a pobre terra desta grande morte, este obteria a mão da filha do rei, fosse ele da nobreza ou o último filho de um verdugo.

E mostrou-se que também o estrangeiro era repleto de heróis e que o grande prêmio não perdia seu atrativo. Os forasteiros, porém, não eram mais felizes que os nativos – vinham tão-somente para morrer.

Nestes dias, deu-se uma mudança na filha do rei. Se até então seu coração, oprimido pela tristeza e pelo destino do país, rogava pela destruição da besta, seu ingênuo sentimento, uma vez que ela fora prometida a um poderoso desconhecido, aliava-se agora ao flagelador, ao dragão; e chegou a tal ponto que ela, na honestidade do sonho, inventava preces a seu favor e reclamava a mulheres santas que tomassem o monstro sob sua proteção.

Certa manhã, ao acordar cheia de vergonha de tais sonhos, chegou-lhe aos ouvidos um rumor que a horrorizou e perturbou. Contava-se de um jovem que, sabe-se Deus de onde, viera para lutar e que, no entanto, não logrou matar o dragão, mas conseguiu, ferido e sangrando, desvencilhar-se das garras do execrando inimigo e esconder-se na floresta fechada. Lá, encontraram-no inconsciente, frio em sua fria casca de ferro, e trouxeram-no para uma casa onde ele agora jazia em febre profunda, o sangue quente sob as ataduras ardentes.

Ao ouvir esta notícia, de bom grado teria a jovem – assim como estava, em suas vestes de seda branca – corrido pelas ruas a fim de tomar o lugar do doente à beira da morte. Porém, quando as camareiras a vestiram, e ela viu seu lindo vestido e seu rosto triste ir e vir nos muitos espelhos do castelo – ela, então, perdeu a coragem de arrojarse a algo tão excepcional. Ela sequer teve forças suficientes para mandar qualquer criada de confiança até a casa na qual jazia o enfermo desconhecido, a fim de mitigar-lhe os sofrimentos com uma boa compressa ou um bálsamo suave.

Entretanto, havia nela uma inquietação que quase a fez adoecer. Ao cair da noite, estava sentada à janela, tentando adivinhar a casa na qual o homem desconhecido jazia à beira da morte. Pois, para ela, era natural que ele morresse. Apenas *Uma* poderia, talvez, salvá-lo, mas Esta era covarde demais para procurá-lo. Este pensamento – o de que a vida do herói ferido estaria nas suas mãos – não mais a deixou. Por fim, este pensamento a empurrou, após o terceiro dia, passado em meio a tormentos e auto-reprimendas, noite adentro, numa escura, inquieta e chuvosa noite de primavera, pela qual ela perambulou como por um quarto escuro. Ela não sabia pelo que haveria de reconhecer a casa que procurava. Não obstante, logo a reconheceu numa janela que estava aberta, numa luz que ardia dentro do quarto – uma longa e estranha luz, junto à qual ninguém seria capaz de ler ou dormir. Lentamente, ela passou pela casa, desamparada, pobre e mergulhada na primeira tristeza de sua vida. Ela seguiu e seguiu. A chuva havia parado; sobre uma faixa de nuvens havia estrelas grandes e isoladas, e, em algum lugar de um jardim, um rouxinol cantava o início de sua estrofe, que ainda não conseguira concluir. Em tom de pergunta, ele a entoava repetidamente, e sua voz emergia do silêncio, enorme e poderosa, como a voz de um pássaro gigante cujo ninho descansasse sobre as copas de nove carvalhos.

Quando a princesa finalmente ergueu os olhos do vasto caminho, olhos estes cheios de lágrimas, viu uma floresta e atrás desta uma faixa de manhã. À frente desta faixa erguia-se algo negro que parecia aproximar-se. Era um cavaleiro. Instintivamente, ela embrenhou-se nos arbustos escuros e molhados. Ele passou cavalgando por ela, vagarosamente, e seu cavalo estava preto de suor e tremia. Ele

mesmo parecia tremer: todos os anéis de sua armadura ressoavam, levemente, uns nos outros. Sua cabeça estava sem o elmo, suas mãos nuas, a espada pendurava-se, pesada e cansada. Ela viu seu rosto de perfil: era quente, com os cabelos revoltos.

Ela o acompanhou com os olhos por muito tempo. Ela sabia: ele matara o dragão. E sua tristeza a deixou. Ela não era mais uma coisa perdida e esquecida nesta noite. Ela pertencia a ele, a este herói desconhecido, trêmulo; era sua propriedade, como se fosse uma irmã de sua espada.

Então, ela correu para casa a fim de esperá-lo. Passou aos seus aposentos sem ser percebida e, tão logo foi possível, acordou as camareiras, mandando que lhe trouxessem o mais lindo de seus vestidos. Enquanto a vestiam, a cidade despertou para uma grande alegria. As pessoas rejubilavam e, nas torres, os sinos dobravam sem cessar. A princesa, que ouvia esse som, de repente soube que ele não viria. Ela tentou imaginá-lo embalado pela ruidosa gratidão da multidão – não conseguiu. Ela buscava, quase angustiadamente, reter a imagem do herói solitário, do trêmulo, como ela o tinha visto, como se fosse crucial para sua vida não se esquecer disso. E ela estava de ânimo tão festivo que, embora soubesse que ninguém viria, não interrompeu as camareiras que a ataviavam. Ela deixou que lhe entrelaçassem pérolas e esmeraldas nos cabelos, os quais, para grande admiração das criadas, estavam úmidos. A princesa estava pronta. Ela sorriu para as camareiras e, um tanto pálida, passou pelos espelhos ao som de sua cauda branca, que lhe vinha longa atrás.

O encanecido rei, grave e digno, encontrava-se sentado na alta sala do trono. Os velhos paladinos do reino estavam de pé ao seu redor e refulgiam. Ele aguardava pelo herói desconhecido, o libertador.

Este, no entanto, cavalgava já longe da cidade, e sobre ele pairava um céu repleto de cotovias. Se alguém lhe tivesse lembrado do prêmio, quiçá ele, sorrindo, retornasse. Ele o esquecera por completo.

Notas

¹ A tradução foi feita a partir do texto original alemão. (1901) In: RILKE, Rainer Maria. *Sämtliche Werke* (5 Bde.). Frankfurt am Main: Insel, 1961, Band 4, p. 682-688.